Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro

Frantz Fanon: a revolutionary, particularly black

Cadídja Assis Pinto¹
cadidjap@gmail.com

FAUSTINO, D. M. 2018. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. 1. ed. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial, 144 p.

O presente trabalho consiste na resenha do livro *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro* do autor Deivison Mendes Faustino, publicado pela editora Ciclo Contínuo Editorial em 2018. Este livro se demonstrou imprescindível nos estudos da minha pesquisa por diversos motivos. Primeiro, por se tratar de uma reflexão a respeito do médico psiquiatra, intelectual e revolucionário Frantz Fanon² realizada sob o olhar de Deivison Faustino³, uma das grandes referências nos estudos fanonianos no Brasil do tempo presente.

Em segundo lugar, o livro oferece uma completa síntese biográfica e teórica da vida e obra de Frantz Fanon, analisando algumas de suas obras e discussões que Faustino (2018) considerou necessárias para desenvolver seu ensaio. Em uma espécie de biografia teórica, o livro conta com 19 capítulos seguindo não necessariamente uma lógica cronológica de sua vida e obra, mas destacando em si a própria não linearidade do pensamento de Fanon.

Com a problemática em torno da atualidade do pensamento de Frantz Omar Fanon, Faustino (2018) abre e encerra o livro com um debate a respeito do que o psiquiatra pode contribuir para as problemáticas colocadas no tempo presente a respeito dos diversos temas, tais como: o racismo, reminiscências do colonialismo, violência, psicanálise, cultura, subjetividades, identidades, dentre outros debates.

Intitulados o primeiro e último capítulo, respectivamente, “Por que Fanon, por que agora?” e “Há espaço para Fanon no século XXI?”, o autor inicia o livro situando os debates teóricos e historiográficos, bem como os interesses e disputas em torno do conjunto de obra de Fanon a partir de seus principais estudiosos, e encerra seu ensaio colocando algumas provocações sobre o que há ainda de potencialidade nos estudos fanonianos a partir de questões que o tempo presente nos coloca.

“Por que Fanon, por que agora?” é uma pergunta sempre muito bem-vinda aos pesquisadores dos estudos fanonianos. Levantada pela primeira vez por Stuart Hall em 1995, Deivison Faustino (2018) revive esta pergunta para situar as conjunturas teóricas dos debates acerca das obras de Fanon ao longo dos anos que seguiram sua morte. Sua última obra publicada em vida, *Os condenados da terra* (1961), teve uma ampla recepção nos diversos contextos geopolíticos entre os anos

¹ Pesquisadora associada ao AYA-Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (UDESC/FAED).

² Nascido na Martinica em 1925, desenvolveu sua trajetória enquanto estudante na França e afirmou sua carreira como médico psiquiatra na Argélia, ao mesmo tempo que contribuiu, fundamentalmente, enquanto intelectual para o amadurecimento da Revolução Argelina, ampliando-a para um contexto maior de Revolução Africana enquanto residia na Tunísia. Faleceu em decorrência da leucemia enquanto estava em tratamento nos EUA em 1961, poucas semanas depois de receber as primeiras impressões de seu último livro publicado em vida, *Os condenados da terra*.

³ Também conhecido por Deivison Nkosi, o autor é Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos, cuja tese intitulada “Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil” recebeu a Menção Honrosa do Prêmio CAPES em 2015. Atualmente é professor adjunto da USP, pesquisador do Núcleo Reflexos de Palmares, do NEAB da UNIFESP e integrante do instituto AMMA Psique e Negritude e do Grupo Kilombagem.

1960 e 1980, sendo traduzida para os mais distintos idiomas como inglês, árabe, persa, alemão, swahili, dentre outros.

Em um trabalho bastante completo a respeito das diversas traduções do trabalho de Frantz Fanon pelo mundo, Kathryn Batchelor e Sue-Ann Harding (2017) destacam as especificidades históricas, teóricas e políticas de cada tradução com uma abrangência ampla de questões editoriais tais como capas, edições, editoras, circulação e alcance. Neste trabalho, fica evidente que a obra *Os condenados da terra* se fez presente nos mais diversos contextos revolucionários do mundo, influenciando desde o movimento dos Panteras Negras nos EUA à Revolução Iraniana no Irã (Batchelor; Harding, 2017).

Após esse período, a partir dos anos 1990, o livro *Pele negra, máscaras brancas*, publicado originalmente em 1952, retornou ao debate intelectual anglófono, especialmente em decorrência da emergência dos estudos pós-coloniais e o crescente interesse nos debates a respeito da subjetividade, cultura e identificação. “Se *Os condenados da terra* era o livro da época da práxis revolucionária, de *Pele negra, máscaras brancas* pode-se dizer que é um dos livros de cabeceira da viragem pós-colonial no pensamento contemporâneo” (Mbembe, 2012 *apud* Faustino, 2018, p. 13).

A emergência e o interesse das obras de Frantz Fanon em diferentes contextos históricos, sociais e geopolíticos representam o que Deivison Faustino (2018) coloca como disputas e intencionalidades em torno da produção intelectual de Fanon. Estas disputas colocam em foco a discussão a respeito de compreender um Fanon de certa forma fragmentado, cindido, ou compreender Fanon em sua totalidade, enquanto conjunto de obras. Essa problemática colocada é, para Michel Foucault (2009), ao mesmo tempo teórica e técnica.

Dentre tantos resquícios deixados por alguém após seu falecimento, o que pode ser definido enquanto obra? A obra em sua singularidade, enquanto resultado editorial com todas as camadas que a compõem, ou a obra enquanto totalidade deixada pelo autor, entre o que foi publicado e o que não foi? O problema teórico e técnico colocado não nos permite ir por outro caminho a não ser o de considerar as escolhas feitas para o desenvolvimento de nossas pesquisas. Por este caminho, estudar Frantz Fanon é sobretudo um trabalho de escolhas.

Em consonância com o argumento de Hall (1996), Deivison Faustino parte do posicionamento teórico e

metodológico de compreender a obra de Fanon em seu conjunto. Contudo, enquanto Stuart Hall coloca a subjetividade como elo que perpassa as obras de Fanon, Faustino parte da ideia de sociogenia enquanto eixo estruturante do pensamento fanoniano. A premissa da sociogenia, referida por Fanon no livro *Pele negra, máscaras brancas*, “pressupõe um sociodiagnóstico que conceba a subjetividade sempre em relação com os seus determinantes históricos e sociais” (Faustino, 2018, p. 15). É, então, a partir deste elo que o autor estrutura suas análises a respeito das obras de Fanon.

O campo de disputa a respeito de Frantz Fanon não se dá apenas no âmbito conceitual e historiográfico, mas também no campo de suas biografias. Evidentemente, por ser uma personalidade mundialmente conhecida no campo intelectual e revolucionário, Fanon foi biografado por várias pessoas em diferentes momentos e espaços. Destaco aqui as biografias e notas biográficas as quais Faustino (2018) utilizou para traçar sua própria narrativa da trajetória de Fanon: Pardo (1971), Geismar (1972), Gendizer (1974), Macey (2000), Faustino (2013, 2015), Ortiz (2014) e Gordon (2015).⁴ De diversos lócus geopolíticos de enunciação, dentre eles Argentina, Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, a multiplicidade das biografias de Fanon demonstra que o interesse pelo autor e suas ideias transcende fronteiras de tempo e espaço.

Na mesma chave das escolhas do que deve ser considerado enquanto obra para o trabalho de pesquisa no campo da história das ideias, como apontou Foucault (2009), o trabalho biográfico compartilha de desafios semelhantes. É possível uma biografia ter uma dimensão totalizante daquela vida, ou os fragmentos também se fazem necessários? Em que medida a biografia pode contribuir para o trabalho do historiador? A respeito destas questões, tanto Benito Schmidt (2018) quando Lilia Schwarcz (2013) nos oferecem suporte para pensar.

O desafio é, para Lilia Schwarcz (2013), conseguir articular os elementos intrínsecos e extrínsecos à obra, quer dizer, a relação que têm os contextos históricos, sociais, biográficos e psíquicos com a obra em si. Ao recorrer à biografia do sujeito com o qual dialoga, o (a) historiador (a) precisa ter em mente estas questões para poder compreender que toda biografia se constitui no resultado de escolhas de terceiros sobre aquela trajetória (Schmidt, 2018). Justamente por se fazerem necessárias estas escolhas e intermediações das quais não é possível

⁴ PARDO, C. A. F. 1971. *Frantz Fanon*. Buenos Aires, Ed. Galerna.

GEISMAR, Peter. 1972. *Fanon*. Buenos Aires, Granica Editor [Colección Hombres Del Tiempo].

GENDIZER, Irene. 1974. *Frantz Fanon: A Critical Study*, México (Serie Popular Area 44).

MACEY, D. *Frantz Fanon: A Life*. 2000. London, Granta Books.

FAUSTINO, Deivison M. 2015. *Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

ORTIZ, Renato. 2014. Frantz Fanon: Um itinerário político e intelectual. *Revista Contemporânea*, Campinas, v.4, n.2: p. 425-442.

GORDON, Lewis R. 2015. *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought*. New York City, Fordham University Press.

escapar, o fato de que Frantz Fanon tenha sido foco de várias biografias pode ser uma vantagem, a qual foi muito bem aproveitada por Faustino (2018) em seu livro.

Esta vantagem diz respeito à riqueza de detalhes, fatos e narrativas disponíveis para poder compreender, ou ao menos começar a compreender, quem foi Frantz Fanon. Nesta vasta quantidade de informações disponíveis, há por trás as escolhas, intencionalidades, disponibilidades de fontes, entrevistas, materiais e acervos aos quais se recorreu para construir essa trajetória. Em suma, há por trás de uma só vida os mais variados caminhos feitos para poder biografá-la, registrá-la, narrá-la.

Coloca-se, mais uma vez, a necessidade de escolher os caminhos que andam ao lado, e/ou atravessam, a problemática da pesquisa. Trata-se, então, de fazer escolhas a partir das escolhas desses intermediadores, os biógrafos. Neste sentido, apresentarei as seguintes escolhas e trajetórias que Deivison Faustino (2018) fez e percorreu para construir sua própria narrativa de Frantz Fanon. Esta mesma apresentação envolverá as escolhas minhas para poder abordar nesta breve resenha aquilo que considero mais necessário pontuar.

Como já mencionado anteriormente, a narrativa de Faustino não se fragmenta no sentido de pensar o Fanon “sujeito/pessoa” e o Fanon “obra/pensamento”. Pelo contrário, o autor estabelece uma narrativa que permite ao leitor situar Frantz Fanon no tempo e no espaço ao mesmo tempo que situa o desenvolvimento de suas perspectivas teóricas, sua formação, os debates e as leituras que se faziam presentes em cada momento específico de sua vida e trabalho.

Segundo Achille Mbembe (2011), Fanon foi atravessado por *três clínicas do real*: o nazismo, o colonialismo e os primeiros sinais das independências africanas. Estas três esferas são bem situadas por Deivison Faustino (2018) ao considerar sua atuação na defesa do território francês contra o nazismo, o momento em que começa a demonstrar suas preocupações frente ao colonialismo a partir de sua “experiência vivida”⁵ na Martinica e na França, e, por fim, sua atuação e testemunho dos movimentos de independência em África, especialmente na Argélia.

A partir do eixo estrutural da sociogenia, colocado por Faustino (2018), articular as preocupações de Fanon significa considerar ao mesmo tempo os fatores sociais, culturais e subjetivos da existência humana. Nesta chave, o autor situa seu posicionamento ao considerar Fanon com uma postura que foge às grandes narrativas biográficas tradicionais, com grandes nomes e personalidades (SCHWARCZ, 2013):

Como veremos a seguir, as escolhas políticas, teóricas – e, por vezes, pessoais – de Fanon apontam para um esforço em dimensionar a complexidade da existência humana, sem, contudo, desconsiderar as expressões particulares que essa existência assume no tempo e no espaço socialmente dado (FAUSTINO, 2015). Não encontraremos um super-homem, no sentido hollywoodiano, e muito menos um sujeito miticamente atormentado por algum trauma edípico não revelado, mas apenas uma pessoa que procurou dar respostas aos desafios que a história lhe impôs, em uma época em que as respostas pareciam possíveis de serem dadas (Faustino, 2018, p. 16).

Quais eram, então, as perguntas feitas e as respostas dadas à história por Fanon? É possível elencar algumas de suas principais preocupações que Faustino (2018) situa em seu livro. A primeira delas é a respeito do movimento de Negritude⁶. Fanon retorna do *front* na Europa ciente de que, frente aos brancos, “jamais [seria] um francês, filho legítimo da Pátria-mãe” (Faustino, 2018, p. 37). Não importavam os esforços para falar o francês sem sotaque nem voluntariar a própria vida para combater o nazismo junto às tropas francesas. As experiências da guerra colocaram Fanon de frente com um irrefutável engajamento político que se seguiu em crescente intensidade em seus próximos anos.

O retorno à ilha da Martinica e o reencontro com Aimé Césaire⁷ demarcaram, assim, o momento em que se posiciona em relação ao movimento de Negritude. Embora as influências de Césaire na produção fanoniana sejam irrefutáveis, seu distanciamento do movimento da Negritude se demonstra presente em seus futuros escritos: “a sua posição,

⁵ “A experiência vivida do negro”, capítulo 5 do livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008). Nos primeiros capítulos do livro de Deivison Faustino (2018) é feita uma contextualização a respeito de infância, adolescência e juventude de Fanon em uma colônia francesa, Martinica, enquanto um jovem parte de uma classe média constituído e atravessado por essa experiência vivida do negro, experiência na qual o colonialismo perpassa as mais diversas esferas: da linguagem, econômica, das subjetividades e da insígnia da cor. Estas experiências até a escrita de “Ensaio sobre a alienação do negro”, que futuramente tornou-se o livro *Pele negra, máscaras brancas*, são abrangidas por Faustino (2018). É neste cenário, nesta teia de relações e contexto que o autor situa as preocupações, aproximações e críticas de Fanon em relação com o movimento de Negritude.

⁶ Aimé Césaire, Leopold Senghor e Damas fundaram juntos, em Paris no ano de 1931, a revista *L'Étudiant Noir*, fundamental para o desenvolvimento do movimento de Negritude. Foi um movimento de larga adesão pelas populações afro-diaspóricas e/ou por africanos em diáspora no momento em que afirmar a sua cultura e sua cor se fez de uma potência e importância insuperável no combate ao racismo, em especial, no ato político de assumir-se enquanto digno de humanidade, de uma cultura e um passado riquíssimos e profundamente complexos, outrora exaustivamente negados pelo colonialismo.

⁷ “O retorno à ilha e o reencontro com Césaire”, capítulo 4 (Faustino, 2018). Aimé Césaire, poeta, professor, político e intelectual, fundador do movimento de Negritude juntamente com Leopold Senghor, foi professor de Fanon no que é considerado o Ensino Médio no Brasil. O reencontro se deu quando Fanon se engaja, neste momento de retorno à Martinica, na campanha política de Aimé Césaire para prefeito de Fort-de-France, pelo Partido Comunista. A influência de Césaire em Fanon é irrefutável e se manifesta, como coloca Geismar (1972) e Macey (2000), no movimento entre relação, crítica e adesão à esquerda marxista francesa, bem como na “utilização da estética poética como caminho privilegiado para a autorreflexão filosófica” (Faustino, 2018, p. 39).

marcadamente humanista, o levava sempre a apontar os limites essencialistas, culturalistas e particularistas assumidos pelo movimento” (Faustino, 2018, p. 40). Como colocou o autor, este debate está longe de ser esgotado por seus estudiosos, e ele se posiciona, enquanto um pesquisador de Fanon, no sentido de “que o diálogo crítico de Fanon com essa vertente político-teórica se explica mais pela proximidade do que pela ruptura” (Faustino, 2018, p. 40).

Outras questões as quais Fanon tenta responder se fazem no âmbito da psiquiatria e psicanálise. Faustino (2018) reserva em seu livro pelo menos quatro capítulos para abordar sua relação com a prática médica e os debates no campo da psicanálise, embora estas problemáticas apareçam ao longo de todo o livro, assim como aparecem ao longo de todo o trabalho de Fanon.

No capítulo “Às vezes uma arma... é apenas uma arma”, Deivison (2018) coloca o diálogo crítico que Fanon estabelece com Octave Mannoni (1899-1989), psicanalista francês autor de *Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization* (1950). Ao fazer um estudo de caso do povo malgaxe, no Madagascar, Mannoni sugere que o complexo de inferioridade do povo colonizado é, em certa medida, uma característica inata à sua natureza. Para fundamentar seu posicionamento, Mannoni parte da análise de relatos de sonhos onde sugere que a presença de armas fálicas “representaria o desejo constitutivo de fugir de uma natureza inferior [...] Em síntese, para Mannoni, o complexo de inferioridade atribuído ao malgaxe só tem uma explicação: ele sofre por não ser branco” (Faustino, 2018, p. 58).

Estabelecendo uma crítica pontual ao trabalho de Mannoni, Frantz Fanon parte da noção de sociodiagnóstico, fundamental para compreender a obra *Pele negra, máscaras brancas*, para situar que a perspectiva de Mannoni ofusca as verdadeiras causas dos problemas dos colonizados. Para Fanon, os conteúdos dos sonhos não podem ser analisados individualmente, uma vez que estes são também resultado das condições sociais nas quais estão inseridos. O autor afirma que na condição de estudar e tentar tratar as aflições do povo colonizado, é impossível desconsiderar o caráter sócio-histórico dos fenômenos psíquicos.

É neste caminho que Fanon desenvolve seu argumento de que “a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais” (Fanon, 2008 *apud* Faustino, 2018, p. 60). Os debates entre Fanon e os mais diversos psicanalistas não se esgotam por aqui, contudo, para fins de síntese desta resenha, deixarei apenas esse exemplo pontuado para ilustrar alguns dos caminhos teórico-metodológicos feitos por Fanon.

Encaminhando, então, um outro campo de disputa que ocupa um espaço importante na análise feita por Faustino (2018) e, certamente, fundamental na compreensão do pensamento fanoniano, é o debate sobre a cultura. Reservado um capítulo para esta análise, o autor parte da conferência de Fanon realizada no I Congresso de Escritores e Artistas Negros⁸ em 1956, intitulada “Racismo e Cultura”, publicada posteriormente no livro *Pour la révolution africaine* em 1964. A esta altura, Fanon já estava profundamente envolvido com o movimento de libertação da Argélia, sendo integrante sigiloso da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), relação que só foi oficialmente declarada após deixar o país, com a publicação de *L'An V de la révolution algérienne* em 1959.

Neste mesmo momento, Frantz Fanon também já era amplamente conhecido por suas críticas ao movimento de Negritude, devido aos seus mais diversos escritos sobre o tema. Não é de se surpreender, pois, que Faustino (2018) coloca que a situação de Fanon no congresso era relativamente desconfortável e seu posicionamento um tanto quanto destoante dos demais, visto que havia a presença de grandes nomes do movimento, como seus próprios fundadores, Leopold Senghor e Aimé Césaire.

Para fins de análise, Faustino (2018) destaca que sua fala no congresso pode ser dividida em três grandes teses interligadas: considera o racismo enquanto elemento cultural; situa que a dimensão cultural do racismo não o explica isoladamente; estabelece uma crítica à afirmação unilateral da cultura negada pelo colonialismo. Considerar o racismo enquanto elemento cultural permite, para Fanon, não apenas compreender o caráter mutante que o racismo possui ao se transformar no tempo e no espaço, mas permite também situar que, devido à sua dimensão cultural, o racismo está emaranhado nas estruturas políticas, sociais, trabalhistas, econômicas, estética, subjetiva, arquitetônica, enfim, em todas as dimensões da vida social. “Em uma cultura com racismo, o racista é, pois, normal” (Fanon, 1980, p. 44 *apud* Faustino, 2018, p. 86).

Essa postura leva à segunda tese: considerar o racismo enquanto dispositivo ideológico de dominação colonial significa que sua dimensão cultural não é suficiente para explicá-lo. O racismo é, sobretudo, “a negação sistemática da humanidade do outro com vistas à sua exploração e dominação” (Faustino, 2018, p. 88). Isso implica que não se pode de forma alguma ignorar o imenso caráter comercial e econômico que carrega a guerra colonial. Neste sentido, para Fanon, a negação cultural e subjugação de um povo se dá em função do comércio de guerra, e não em sua consequência. Deivison Faustino (2018) coloca, então, que

⁸ Tendo acontecido em Paris, o congresso foi organizado pela Revista *Présence Africaine*; o congresso contou com a presença de aproximadamente 600 pessoas, dentre elas diversos intelectuais como Leopold S. Senghor, J. A. Davis, Alioune Diop, Aimé Césaire, Richard Wright, Louis T. Achille, Édouard Glissant, Jean Price-Mars e outros.

é apenas tendo em mente as dimensões culturais, sociais e econômicas que se podem compreender e analisar as manifestações mutantes do racismo no tempo e no espaço.

Por fim, a terceira tese é a que escancarou a distinção entre Fanon e os demais participantes do congresso, tratando-se de um argumento delicado que Faustino (2018) identifica em quase todas as publicações do autor. É inegável para Fanon que a afirmação da cultura negada e estigmatizada pelo colonialismo é um ato político fundamental, afinal, a cultura é uma das dimensões centrais na luta pela libertação nacional. A crítica de Fanon consiste em não negar o potencial transformador da cultura, mas sim em estar atento às possíveis armadilhas que afirmar uma cultura essencialmente presa ao passado pode provocar. Para o autor, destaca Faustino (2018), a mumificação da cultura é tão fundamental para o colonialismo quanto sua própria inferiorização. O desafio consiste, então, em “transcender a objetificação da própria existência [a fim de] ser também superada em nome de um projeto maior” (Faustino, 2018, p. 90).

Levantadas todas essas discussões, muito bem analisadas e aprofundadas por Deivison Faustino (2018), o autor encerra o livro com algumas provocações e inquietações sobre as múltiplas possibilidades de estudar Frantz Fanon no tempo presente, apontando caminhos para afirmar que há, sim, “espaço para Fanon no século XXI”. Seja nos debates da psicanálise, historiográficos, culturais, da práxis revolucionária ou nos mais diversos campos sobre os quais se debruçou Fanon. Na medida em que o racismo (mutável) e a violência colonial (hoje sob outras

formas de manifestação) não foram ainda superados, o psiquiatra e intelectual anticolonial permanecerá atual enquanto referência para as práticas políticas e intelectuais da luta pela vida.

Referências

- AVELAR, A.; SCHMIDT, B. 2018. *O que pode a biografia hoje?* São Paulo: Letra e Voz, 248 p.
- BATCHELOR, K.; HARDING, S. 2017. *Translating Frantz Fanon Across Continents and Languages*. New York, Routledge, 258 p.
- FANON, F. 2008. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, 191 p.
- FANON, F. 2013. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora, Ed. UFJF, 373 p.
- FANON, F. 1964. *Pour la révolution africaine*. Paris, Maspero, 223 p.
- FAUSTINO, D. M. 2018. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial, 144 p.
- FOUCAULT, 2009. O que é um autor? In: _____. *Ditos & Escritos III*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, pp. 264-298
- HALL, S. “The After-Lide of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks?” In: READ A. (ed) *The Fact of Blackness: Frantz Fanon and Visual Representation*. London: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts, 1996, pp. 12-37.
- MBEMBE, A.. 2011. *L'universalité de Frantz Fanon*. In: Frantz FANON, *Oeuvres*. Paris, La Découverte. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13602063-A-universalidade-de-frantz-fanon-achille-mbembe-1.html>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- SCHWARCZ, L. M. 2013. Biografia como gênero e problema. *História Social*, 24, p. 51-73.

Submetido em: 05/02/2021

Aceito em: 04/05/2021